

Grelha de Categorização das reflexões da PPII
R8 – A6

Evidências de desenvolvimento profissional nas reflexões elaboradas pelas alunas/futuras educadoras de infância no decorrer da Prática Pedagógica II

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
1. Dimensão científica	1.1. Conhecimentos da área das Ciências da Educação	<p>(...) Aprender envolve participação, tomada de posições, escolha de procedimentos (...).</p> <p>(...) Segundo Vigotsky, a aprendizagem precede o desenvolvimento, ou seja, é no processo de elaboração do conhecimento que se constroem, também, as habilidades. Logo, a aquisição do conhecimento dá-se através de <i>Zonas de Desenvolvimento</i>: a real e a proximal. A <i>Zona de Desenvolvimento Real</i> é a do conhecimento já adquirido, e é o que o indivíduo traz consigo; já a <i>Proximal</i>, só é atingida, com o auxílio de outras pessoas, que já tenham adquirido esse mesmo conhecimento, sejam elas, o educador ou uma criança mais experiente (...).</p>
	1.2. Conhecimentos da área da especialidade	<p>(...) Eu aprendi com a (...) educadora cooperante que o jogo e a brincadeira são sempre situações em que a criança realiza, constrói e consegue apropriar-se de conhecimentos das mais diversas ordens, assim, neste aspecto, o brincar assume um papel didáctico e pode ser explorado no processo educativo pelo educador (...).</p> <p>(...) Este facto, revelou-me a importância do papel do educador e das interações entre as crianças, pois assim a criança pode construir e ampliar conceitos, os quais ela não teria condições de realizar sozinha naquele momento do seu desenvolvimento (...).</p> <p>(...) Ao realizar estas actividades a criança desenvolve funções do pensamento, assim como constrói noções de tempo, espaço, etc. O pensamento vem, portanto, da actividade (...).</p> <p>(...) As actividades envolvidas no processo de aprendizagem são: a observação, a exploração, a reflexão, a organização (através da fala, da escrita, do desenho, do movimento) e a apresentação do conhecimento adquirido. É a partir desta perspectiva mais abrangente que se deve ver o papel do jogo e da brincadeira no Jardim de Infância (...).</p> <p>(...) Compreendi que cabe ao educador a tarefa de alimentar o imaginário infantil (...)</p> <p>(...) O brincar da criança, visto deste prisma que eu aprendi, não pode ser considerado uma actividade complementar a outras de natureza pedagógica, mas sim como uma actividade fundamental para a construção da sua identidade cultural e da sua personalidade (...).</p> <p>(...) Após pesquisar para o projecto referido [projecto de acção com as crianças] (...) tomei consciência que esta metodologia parte de motivações concretas e intrínsecas, directamente associadas à realidade das crianças (...).</p> <p>(...) A abordagem por projectos pressupõe um plano de acção construído pelas crianças com o educador, que coordena e apoia o trabalho de grupo (...).</p> <p>(...) O educador deve ter o papel de facilitador de aprendizagens, alguém que consegue ser capaz de criar situações para que essa apropriação seja, de facto, significativa a partir das actividades propostas (...).</p> <p>(...) Este plano de acção deve assentar num programa flexível e aberto, tendo como objectivos fundamentais o desenvolvimento da sensibilidade e da imaginação, da autonomia e da socialização das crianças (...).</p> <p>(...) A metodologia de trabalho de projectos centra-se na educação considerada ela própria como a vida e não como uma preparação para a vida — pressuposto defendido por Dewey (1971) (...).</p> <p>(...) Este tipo de abordagem, segundo a minha perspectiva, deve reger-se segundo alguns fundamentos, sendo o mais importante para mim, o respeito pela individualidade da criança e pelo seu próprio ritmo de desenvolvimento e de trabalho, na medida em que o grupo de crianças não é um somatório de indivíduos (...).</p> <p>(...) Par que seja possível trabalhar através da pedagogia de projectos é então necessário que se trate de um problema real, escolhido pelo grupo (de acordo com as suas motivações e interesses) e nunca imposto, pois o grupo tem de se identificar plenamente com o projecto (...).</p> <p>(...) O problema deve conter um real interesse, um significado para (...) o grupo e [estar] relacionado com a realidade social e com as experiências de cada criança (...).</p> <p>(...) As crianças envolvidas desenvolvem comportamentos e atitudes como: aprender a observar, a reflectir, a debater, a questionar-se a si e à realidade exterior, a procurar fontes de informação e a seleccionar dados ou materiais, a melhorar a sua autonomia, a resolver conflitos, a ser criativas, a intervir socialmente, a arriscar, a empreender, a manter e terminar tarefas e também a avaliar (...).</p>

		<p>(...) Aprendi (...) que a metodologia de projecto pode (...) alargar a participação positiva de um maior número de intervenientes, com um maior aproveitamento das potencialidades de cada um e, assim, contribuir também para uma escola activa inserida na realidade e aberta à inovação (...).</p> <p>(...) Ao longo do curso, sempre ouvimos que, como especifica o perfil geral, o educador deve apresentar como principais características: o saber organizar, planificar e avaliar o ambiente educativo, promovendo actividades que permitam conhecer o mundo como parte integrante de um processo em construção e, ainda, [que] tem como funções específicas observar, educar, ensinar, preparar as crianças para a sociedade, desenvolvendo a sua autonomia, fazendo-as entender que existem diferentes culturas, combatendo a exclusão e a discriminação, promovendo assim uma perspectiva de escola inclusiva (...).</p> <p>(...) Eu vejo o educador, enquanto ser único, com um perfil que o caracteriza, apesar de este ter o dever de se basear sempre nas aprendizagens curriculares, apoiar-se na investigação, na sua autoformação e na constante reflexão da sua prática educativa (...).</p> <p>(...) Eu vejo o educador como um profissional que deve ter a capacidade de realizar um trabalho não só com o seu grupo de crianças, mas também integrar os pais, activamente, na participação de todo o processo educativo, fomentando (...) a cooperação e a coesão de grupo que favorece o desenvolvimento integral da criança (...).</p>
2. Dimensão pedagógica	2.1. Concepção e desenvolvimento do currículo	<p>(...) Só quando eu comecei a pôr em prática o projecto é que tive realmente a percepção do quão importante é saber praticar uma pedagogia diferenciada, aceitando o conhecimento e o ritmo de cada criança pertencente àquele grupo (...).</p> <p>(...) Ao estagiar (...) apercebi-me de uma realidade que apenas conhecia na teoria. Ali vi como as educadoras assumem uma prática de equipa, onde educadoras, famílias, crianças, auxiliares e todas as entidades educativas fazem parte integrante de todo o processo educativo ali desenvolvido (...).</p> <p>(...) Eu estive numa sala com crianças de três anos e com uma educadora que dá imenso valor ao carácter lúdico das actividades. (...) A educadora conseguiu passar-me essa ideia e essa necessidade de aprender/ensinar “brincando” (...).</p> <p>(...) [A educadora cooperante] conseguiu demonstrar-me a importância do jogo com crianças tão pequenas (...).</p> <p>(...) O brincar é, claramente, uma fonte de prazer para as crianças, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento (...). Foi esta dupla natureza que me levou a considerar o brincar parte integrante da actividade educativa (...).</p> <p>(...) Ao brincar, eu vi as crianças a construírem significados tanto na assimilação dos papéis sociais e na compreensão das relações afectivas que ocorrem no seu meio, como na construção do seu conhecimento (...).</p> <p>(...) Eu apercebi-me que o brincar tem uma função informativa para o educador, pois como nos últimos meses me dediquei bastante à observação dos comportamentos das crianças (...) individualmente, em pares, em pequeno e grande grupo, cheguei à conclusão de que ao observar uma brincadeira e as relações entre as crianças na sua realização, o educador aprende bastante sobre os seus interesses, podendo perceber o nível de realização em que elas se encontram, as suas possibilidades de interacção, assim como as suas experiências do quotidiano e as regras de comportamento reveladas pelo jogo do faz-de-conta (...).</p> <p>(...) Outra questão que eu queria salientar nesta reflexão, foi a oportunidade que me [foi dada] de trabalhar por projectos, o que me enriqueceu imenso, visto que me deu a hipótese de entender o seu significado e a sua importância. Eu vi aquele grupo de crianças, extremamente motivado, não só na construção do Ecoponto Azul, que foi o nosso projecto de realização prática, mas também na construção das árvores, nas últimas semanas da [prática] (...).</p> <p>(...) Este projecto surgiu após uma visita à exposição de artes visuais na Universidade do Algarve, que despoletou nestas crianças uma vontade enorme de construir as suas próprias árvores com os materiais que tinham vindo a explorar desde o início do ano (...).</p> <p>(...) O resultado foi um trabalho muito interessante e claramente motivador, pois as crianças demonstraram um empenho e um envolvimento incrível durante todo o processo criativo inerente à actividade (...).</p>
	2.2. Resolução de problemas	<i>Não verificada.</i>
	2.3. Relação educativa	<i>Não verificada.</i>
3. Dimensão Pessoal	3.1. Conhecimento e compreensão de si mesma	<p>(...) Durante este ano aprendi que ensinar e aprender com as crianças, agir ao mesmo tempo como educadora e aprendiz, estar preparada para ouvir o que as crianças têm a dizer, valorizar os seus conhecimentos e a sua contribuição, fazer as devidas intervenções, colocar limites, definir responsabilidades, manifestar e cobrar coerência e demonstrar afectividade, são requisitos fundamentais para mim, enquanto educadora (...).</p> <p>(...) Cada pessoa tem uma forma peculiar de ver o mundo, de enfrentar situações inesperadas. Filtramos tudo a partir do nosso ponto de vista,</p>

		<p>experiências, personalidade, formas de perceber, sentir e de avaliar a nós mesmos e aos outros (...).</p> <p>(...) Na construção da minha identidade é importante como me vejo, como me sinto e como me situo em relação aos outros (...).</p> <p>(...) Este ano (...) não atingi os meus objectivos pessoais propostos no início do ano lectivo. Isso levou-me a duvidar do meu valor, tentar justificar os meus problemas e a procurar formas de compensação ou de aprovação (...).</p> <p>(...) Passei a imagem errada de me sentir insegura, desmotivada e desinteressada, preocupada e pessimista (...).</p> <p>(...) Apercebi-me que é importante reconhecer as minhas qualidades, valorizá-las, destacá-las e buscar formas de colocá-las em prática (...).</p> <p>(...) Eu sei que posso ir muito além de onde estou e de onde imagino e, de onde os outros me percebem (...).</p> <p>(...) Percebi, através de uma conversa com a professora [supervisora da ESE], que para “mudar” o mundo podemos começar por mudar a nossa visão dele e de nós. Ao mudar a nossa visão das coisas, tudo continua no mesmo lugar, mas o sentido muda e o contexto altera-se (...).</p> <p>(...) Eu levei o ano inteiro a precisar, desesperadamente, da aprovação de alguém para me fazer sentir bem (...).</p> <p>(...) Agora vejo que deixei de me aceitar como sou, de gostar de mim, de me conseguir integrar (...).</p> <p>(...) Eu voltei-me na direcção do outro, colocando-o quase como um eixo e comecei a girar em falso. E, ao insistir nisso, afastei-me de mim, do meu centro, das minhas intenções e dos meus propósitos, gastei mais energia e senti-me perdida e miserável (...).</p>
	3.2. Trabalho em equipa	<i>Não verificada.</i>
	3.3. Dimensão social e ética	<p>(...) Eu acredito que se educa mais pelo que se é, pelos princípios que norteiam a nossa conduta, do que pelos conteúdos de transmitimos (...).</p> <p>(...) Na minha opinião, o educador é um profissional que faz um pouco de tudo, evidenciando conhecimentos, valores, (...) e atitudes (...).</p> <p>(...) Com o seu trabalho, o educador vai contribuir para formar pessoas, impulsionando o desenvolvimento das suas habilidades emocionais, intelectuais, morais, físicas e sociais. Para que isto aconteça, acredito que o educador precisa ser valorizado e, acima de tudo, saber valorizar-se acreditando no seu trabalho e nas pessoas com quem interage (...).</p> <p>(...) Deste modo, deve ser respeitado, participar nas decisões e nas propostas que envolvam a especificidade da sua função, envolvendo-se, activamente na sua execução, com competência e satisfação (...).</p> <p>(...) Constatei que na sociedade e, especificamente na educação, existem cada vez [menos] pessoas capazes de [se] relacionar de forma aberta com os outros e de facilitarem a comunicação. Pessoas maduras emocionalmente, que saibam gerir os conflitos pessoais e de grupo, que tenham suficiente flexibilidade para compreender diferentes pontos de vista e intuição para [se] aproximar de forma adequada a diferentes pessoas e formas de viver, de pensar e de estar (...).</p>
	3.4. Perspectiva de desenvolvimento profissional	<p>(...) Esta concepção de educador, enquanto pessoa e profissional, eu fui construindo ao longo do curso (...).</p> <p>(...) Este último ano foi decisivo, visto que estive numa instituição [onde] embora [se trabalhe] em equipa, cada educadora tem um perfil único e específico e, isso passa claramente para as crianças (...).</p> <p>(...) Terminei a minha licenciatura e, apesar de ainda não estar a trabalhar, já me posso considerar educadora (...).</p> <p>(...) [Na prática] apercebi-me (...) que o educador não é um mero consumidor de informação, mas sim uma pessoa capaz de criar e dinamizar, construindo a sua própria metodologia de trabalho, ou seja, tem a capacidade de se tornar num Educador Inovador, capaz de melhorar, de reconhecer a diversidade a nível de práticas, não se limitando à sua formação académica, mas estando sempre predisposto a continuar a aprender, tendo consciência da necessidade da continuidade da aprendizagem, pois só assim pode continuar actualizado e evoluir, não ficando estagnado e encerrado no passado (...).</p> <p>(...) Ao pesquisar cheguei à conclusão de que o educador deve desenvolver algumas competências ao longo da sua prática para que (...) continue actualizado e interessado em evoluir e adaptar-se às novas circunstâncias (...).</p> <p>(...) Estas competências (...) foram [as] que eu fui tomando consciência da sua importância ao longo dos dois últimos anos de curso (...).</p> <p>(...) No que diz respeito às competências pessoais, eu acredito que um bom educador deve: ter espírito de iniciativa; ter bom poder de comunicação; ser criador de um bom ambiente relacional; ter um grande poder de improvisação e criatividade; ser capaz de resolver problemas; ser assíduo (...).</p> <p>(...) No que concerne às competências profissionais de um bom educador, eu vou passar a enumerar algumas competências que adaptei do site onde Perrenoud fala nas “dez novas competências para uma nova profissão” e, também, vou enumerar algumas competências que se foram tornando evidentes para mim, tais como: organizar e estimular situações variadas de aprendizagem; gerir a progressão das aprendizagens; conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam; envolver as crianças nas suas aprendizagens e no trabalho; praticar uma pedagogia diferenciada,</p>

		<p>respeitando o ritmo de cada criança; trabalhar em equipa; informar e envolver as famílias; utilizar as novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; promover a sua própria formação contínua, de forma a inovar a sua actuação; gerir bem os recursos disponíveis; criar contactos com o meio envolvente; avaliar e reformular a sua actuação e a diversidade das actividades apresentadas (...).</p> <p>(...) Eu pretendo [desenvolver] todas estas competências e mais algumas que espero ir descobrindo ao longo do tempo, para que a minha prestação seja, sempre que possível, a melhor perante as crianças, as famílias e o meio envolvente (...).</p> <p>(...) Devo salientar (...) que, todas estas competências foram tomando “forma” com o passar do tempo, com as reflexões, com os livros que consultei e, obviamente, consolidaram-se este ano, ao estagiar num ambiente tão rico que demonstra dar imenso valor às competências enunciadas anteriormente (...).</p> <p>(...) Posso invocar mais uma vez a importância de o educador estar constantemente num processo formativo e inovador (...).</p> <p>(...) É extremamente importante continuar a buscar, a inovar-se, a formar-se numa adaptação constante da realidade (...)</p> <p>(...) Eu acredito que me vai caber a mim a construção da minha identidade, com pontos de apoio que considero fundamentais e que definem as minhas escolhas (...).</p>
--	--	--